

**UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O SIGNIFICADO DA GESTÃO DO
CAPITAL DE GIRO EM EMPRESA DE PEQUENO PORTE: UM
ENSAIO SOB A PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO**

**A REFLECTIVE LOOK AT THE MEANING OF WORKING CAPITAL
MANAGEMENT IN A SMALL BUSINESS: A ESSAY FROM THE
PERSPECTIVE OF SYMBOLIC INTERACTIONISM**

**UNA MIRADA REFLEXIVA SOBRE EL SIGNIFICADO DE LA
GESTIÓN DEL CAPITAL DE TRABAJO EN UNA PEQUEÑA
EMPRESA: UN ENSAYO DESDE LA PERSPECTIVA DEL
INTERACCIONISMO SIMBÓLICO**

GRACIELA DIAS COELHO JONES

Professora Associada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), do Núcleo de Contabilidade Gerencial e Finanças da Faculdade de Ciências Contábeis (FACIC).
Doutora em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

WILSON TOSHIRO NAKAMURA

Professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutor em Administração pela USP

RESUMO

O objetivo do presente ensaio teórico é refletir sobre o potencial do Interacionismo Simbólico, como abordagem epistemológica, para compreender o significado da gestão do capital de giro em empresas de pequeno porte. Para ilustrar, foram apresentadas situações hipotéticas que expressam o contexto em que a empresa passou a fazer parte da vida do gestor. Conclui-se que o significado da gestão do capital de giro, à luz do Interacionismo Simbólico, é impactado por questões culturais, por aspectos cognitivos, pelas relações que o gestor tem com o ambiente e pelas suas crenças e valores, uma vez que o gestor sofre influência do meio em que está inserido. Tais crenças e valores podem ser entendidos, à luz do Interacionismo Simbólico, que



possibilita trazer novas luzes sobre o assunto, pois as crenças dos gestores são construídas socialmente.

Palavras-chave: Capital de Giro; Interacionismo Simbólico; Processo de Tomada de Decisão; Paradigma Interpretativo; Empresas de Pequeno Porte.

ABSTRACT

The objective of this theoretical essay is to reflect on the potential of Symbolic Interactionism, as an epistemological approach, to understand the meaning of working capital management in small businesses. To illustrate, hypothetical situations were presented that express the context in which the company became part of the manager's life. It is concluded that the meaning of working capital management, in the light of Symbolic Interactionism, is impacted by cultural issues, by cognitive aspects, by the relationships that the manager has with the environment and by his beliefs and values, since the manager is influenced by the environment in which he is inserted. Such beliefs and values can be understood in light of Symbolic Interactionism, which sheds new light on the subject, since managers' beliefs are socially constructed.

Keywords: Working Capital; Symbolic Interactionism; Decision-Making Process; Interpretative Paradigm; Small Businesses.

RESUMEN

El objetivo de este ensayo teórico es reflexionar sobre el potencial del Interaccionismo Simbólico, como enfoque epistemológico, para comprender el significado de la gestión del capital de trabajo en las pequeñas empresas. Para ilustrar, se presentaron situaciones hipotéticas que expresan el contexto en el que la empresa pasó a formar parte de la vida del directivo. Se concluye que el significado de la gestión del capital de trabajo, a la luz del Interaccionismo Simbólico, se ve impactado por cuestiones culturales, aspectos cognitivos, las relaciones que el gerente tiene con el entorno y sus creencias y valores, ya que el gerente está influenciado por el medio en el que se encuentra. está insertado. Tales creencias y valores pueden entenderse a la luz del Interaccionismo Simbólico, lo que permite arrojar nueva luz sobre el tema, ya que las creencias de los directivos se construyen socialmente.

Palabras clave: Capital de Trabajo; Interaccionismo simbólico; Proceso de toma de decisiones; Paradigma interpretativo; Pequeñas empresas.

1 INTRODUÇÃO

O capital de giro representa os recursos aplicados no ativo circulante: disponibilidades, contas a receber e estoques (GARRISON; NOREEN; BREWER, 2007). Esses ativos constituem o capital que circula até se transformar em dinheiro num ciclo de operações da empresa; ideia que compreende a transmissão periódica de caixa para estoques, destes para duplicatas a receber e de volta para o caixa (DI AGUSTINI, 1999, FERREIRA, et al., 2011).



O tema capital de giro tem grande relevância para estudo considerando a sua importância para as empresas. Uma administração inadequada de capital de giro resulta, normalmente, em sérios problemas financeiros contribuindo efetivamente para a formação de uma situação de insolvência (FERREIRA; MACEDO, 2011; BAÑOS-CABALLERO; GARCÍA-TERUEL; MARTÍNEZ-SOLANO, 2014), principalmente às micros e pequenas empresa (MPEs), visto sua importância no desempenho operacional (DOMINGUES et al., 2017).

O processo de tomada de decisão reflete a essência do conceito de administração, e a continuidade de qualquer negócio depende da qualidade das decisões tomadas por seus gestores nos vários níveis organizacionais. Tais decisões são tomadas com base em dados e informações dos negócios, por levantamentos do comportamento de mercado e do desempenho da empresa (ASSAF NETO; LIMA, 2011). A gestão e a decisão pelos níveis de investimentos em capital de giro constituem-se tarefa dos gestores das empresas, ou seja, a forma de gestão do capital de giro é uma decisão do dono do negócio, mediante interesses específicos e parâmetros previamente estabelecidos.

A literatura aponta algumas condições pré-estabelecidas para a manutenção de capital de giro, suprimentos das necessidades de capital de giro e determinação do nível de capital de giro para as empresas; algumas dessas abordagens são apresentadas a seguir: Há três motivos para a manutenção de certos níveis de liquidez: transação, precaução e especulação (GITMAN, 2008); O nível de capital de giro pode ser determinado pela sazonalidade dos negócios, fatores cíclicos da economia (recessão, comportamento do mercado, tecnologia aplicada a custos e tempo de produção, e políticas de negócios) (FERREIRA et al., 2011); O volume do capital de giro para empresas é determinado pelo volume de vendas, o qual é lastreado por estoques, valores a receber e caixa (BRIGHAM, 1999; ASSAF NETO; SILVA, 2002); O alongamento da dívida melhora a situação do capital de giro (SANTOS, 2001).

O gestor ou dono do negócio orienta-se para tomar as suas decisões sobre a gestão do capital de giro, respaldado nas fontes de informações que a literatura aponta como eficazes para a gestão financeira do negócio, ou em pesquisas empíricas realizadas que apresentaram bons resultados para as empresas que fizeram uso daquelas estratégias de gestão do capital de giro. O resultado da pesquisa de Domingues et al. (2017) apontou que a falta de orientação dos microempreendedores



de seus contadores, leva-os a tomar decisões baseadas, principalmente, mais na intuição e sensibilidade do que no conhecimento. Para muitos gestores, a tomada de decisão é orientada por meio de *benchmarking*, que é um processo contínuo e sistemático para avaliar produtos e processos de trabalho de organizações que são reconhecidas como representantes das melhores práticas, com a finalidade de melhoria organizacional (SPENDOLINI, 1992).

O capital de giro tem sido usualmente estudado, com grande frequência, sob a abordagem Positivista, que tem um *ethos* comum às suas correntes, que é a racionalidade.

Por sua vez, a importância do presente ensaio teórico pode ser destacada pelo fato de propor o estudo do tema capital de giro à luz da abordagem epistemológica Interacionismo Simbólico. Na abordagem interacionista, as empresas sofrem influências de fatores institucionais que prescrevem comportamento apropriado dos que dela fazem parte (FORGUES et al, 2012), essa influência pode ser percebida nos mais diversos níveis da organização e nas atividades desenvolvidas pelos seus membros. Essa abordagem possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam objetos e como esse processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas (CARVALHO, 2011).

O objetivo do presente ensaio teórico é refletir sobre o potencial do Interacionismo Simbólico, como abordagem epistemológica, para compreender o significado da gestão do capital de giro em empresas de pequeno porte.

A relevância dessas empresas para a economia brasileira e sua prematuridade no encerramento das suas atividades, bem como a incipiência das pesquisas nessa temática (BOHN, 2018) são fonte de motivação e fundamento para desenvolvimento do estudo. Como característica, no estudo testado empiricamente por Lima e Zoschke (2007), as MPEs têm por regra os seus gestores como agentes centrais e preponderantes no processo de gestão e como definidores dos rumos do negócio, ou seja, são os principais responsáveis pelo sucesso ou insucesso de seu empreendimento.

A abordagem interacionista, norteadora da reflexão proposta no presente ensaio teórico, é focada na Psicologia Social de Mead; uma perspectiva teórico-metodológica que foi desenvolvida no início do século XX, na Universidade de Chicago, denominada Interacionismo Simbólico. As suas análises consideram o jogo expressivo e relacional na interação ocorrida face a face, que envolve palavras,



formas de falar, gestos, movimentos, expressões emocionais, entre outros (BLUMER,1969).

Todas as abordagens epistemológicas têm potencial para estudar os mais diversos temas, algumas com menos ou mais limitações que outras, mas sem dúvida, as contribuições são perceptíveis. Ressalta-se que não é intenção do presente ensaio teórico discutir as diversas abordagens epistemológicas e as suas potencialidades para estudos em Ciências Sociais Aplicadas; o seu foco é refletir sobre as potencialidades do Interacionismo Simbólico para entender sobre o significado da gestão do capital de giro nas empresas de pequeno porte.

Alguns estudos anteriores abordaram o Interacionismo Simbólico em outras perspectivas e são apresentados, a seguir.

O estudo de Mendonça (2002) apresenta que o interacionismo simbólico é discutido com maior frequência na sociologia e na psicologia social; acredita-se que é necessário ser discutido no campo da pesquisa organizacional, a fim de colaborar para o preenchimento de uma lacuna na literatura especializada em administração e suscitar possíveis aplicações em pesquisas na área.

O estudo de Carvalho (2011) discutiu as potencialidades do interacionismo simbólico para a compreensão de diferentes aspectos da vida organizacional, buscando elucidar alguns temas em estudos organizacionais, que têm sido abordados sob essa perspectiva, bem como tecer algumas considerações acerca dos aspectos metodológicos relacionados à operacionalização de seus pressupostos.

O estudo de Barros, Cappelle e Guerra (2019) apresentou uma discussão teórica e metodológica para o estudo de carreira na perspectiva do interacionismo simbólico.

O estudo de Miguel e Popadiuk (2019) propôs um modelo teórico integrado, sob a perspectiva interacionista simbólica, visando compreender como os signos se manifestam como mediadores no processo de compartilhamento tácito do conhecimento entre os membros de uma organização cooperativa. Baseou-se em uma articulação teórica dos princípios do conhecimento tácito, que defendeu a inefabilidade desse tipo de conhecimento; teoria semiótica, em que os signos são uma representação de “algo para alguém” e implicam que tudo no mundo é um signo; e a visão interacionista simbólica. Esse modelo inovador depende tanto das condições internas quanto externas, embora envolvendo aspectos fora do controle organizacional.



Os estudos apresentados não abordaram especificamente a gestão do capital de giro, mas trataram de uma forma ampla a discussão das potencialidades do Interacionismo Simbólico sob outras perspectivas. Especificamente, no estudo do capital de giro, proposto por esse ensaio, o Interacionismo Simbólico tem contribuição singular para compreender o significado da gestão do capital de giro em empresas de pequeno porte.

O presente ensaio está estruturado em três tópicos. Esse primeiro apresenta uma abordagem introdutória sobre o tema a ser estudado, a relevância e o objetivo do ensaio teórico. O tópico seguinte discorre sobre o referencial teórico para embasar teoricamente o ensaio teórico. Na sequência, apresenta-se o potencial da abordagem interacionista para compreender o significado da gestão do capital de giro em empresas de pequeno porte. Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre o ensaio teórico desenvolvido, as contribuições que o estudo pôde trazer para a teoria e as sugestões para estudos futuros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CAPITAL DE GIRO

O capital de giro é um conceito econômico-financeiro e não uma definição legal, constituindo uma fonte de fundos permanente utilizada para financiar a Necessidade de Capital de Giro (NCG) da empresa (FLEURIET, 1980). O entendimento de capital de giro insere-se no contexto das decisões financeiras de curto prazo, envolvendo a administração de ativos e passivos circulantes. Toda a empresa precisa buscar “um nível satisfatório de capital de giro de maneira a garantir a sustentação de sua atividade operacional” (SILVA, 1997, ASSAF NETO; SILVA, 2002, p. 24).

O capital de giro ou capital circulante é representado pelo ativo circulante, isto é, pelas aplicações correntes identificadas geralmente pelas disponibilidades, valores a receber e estoques (GARRISON; NOREEN; BREWER, 2007). Em sentido amplo, representa os recursos demandados por uma empresa para financiar suas necessidades operacionais identificadas, desde a aquisição de matérias-primas, até o recebimento pela venda do produto acabado (ASSAF NETO; SILVA, 2002).



O capital de giro não é a mesma coisa que rentabilidade, porque a rentabilidade da empresa pode aguardar por uma recuperação de lucros, mas o capital de giro não pode esperar. “Ele é prioritário, ou seja, sem lucro a empresa fica estagnada ou encolhe, mas, sem capital de giro, ela desaparece” (FERREIRA et al, 2011, p. 866).

O capital de giro é importante para viabilizar financeiramente os negócios e contribuir para formação do retorno econômico do investimento que foi realizado e para administrar cada um dos ativos circulantes, de tal forma que um nível aceitável de Capital Circulante Líquido seja mantido na empresa (FERREIRA; MACEDO, 2011). O conceito de equilíbrio financeiro é vivenciado pela empresa quando suas obrigações financeiras se encontram lastreadas em ativos com prazos de conversão em caixa similares aos dos passivos (FERREIRA et al, 2011), ou seja, o equilíbrio financeiro exige vinculação entre a liquidez dos ativos e os desembolsos demandados pelos passivos. Quanto ao que seja estrutura de capital, predomina a ideia de que estrutura de capital corresponde apenas às fontes de longo prazo (NAKAMURA et al, 2007), mas pode ser correto considerar dívidas de curto prazo, também, fazendo parte da estrutura de capital (BREALEY; MYERS; ALLEN, 2008).

Quando uma empresa ou organização entra em operação, ou seja, em funcionamento, o administrador financeiro volta toda a sua atenção ao capital de giro, devido a sua importância, “porque é por falta de controle nas entradas e saídas de caixa na empresa que a maioria das empresas vem morrer no mercado, tão globalizado e competitivo” (FERREIRA et al, 2011, p. 866). Enfim, níveis mais elevados de investimentos em capital de giro permitem que as empresas elevem as suas vendas e, também, obtenham maiores descontos para antecipação de pagamentos junto aos fornecedores (DELOOF, 2003). Deve-se considerar, conforme Baños-Caballero, García-Teruel e Martínez-Solano (2014), que as decisões relacionadas ao capital de giro podem de alguma forma afetar o desempenho dos negócios da empresa.

O processo decisório básico para o sucesso de toda empresa vem assumindo complexidade e riscos cada vez maiores no Brasil, e tem exigido uma capacidade mais questionadora e analítica dos gestores (ASSAF NETO; LIMA, 2011). A gestão do capital de giro é um aspecto crítico da gestão financeira que é essencial para determinar o desempenho geral e a sustentabilidade de uma empresa (KIYMAZ; HAQUE; CHOUDHURY, 2024). Ademais, a forma de gestão do capital de giro é uma



decisão do dono do negócio, que considera interesses e condições específicas de cada setor de atividade. Com base na literatura, alguns parâmetros de gestão podem ser previamente estabelecidos e funcionam com balisadores do processo de tomada de decisão relacionados ao capital de giro. Por outro lado, existem vários modelos de *benchmarking*, que podem ser considerados como uma poderosa ferramenta de gestão empresarial, mundialmente difundida e utilizada para transformar as organizações e introduzir as mudanças necessárias à melhoria de seus processos, práticas e resultados (CARLINI JUNIOR; VITAL, 2004).

A seguir, são discutidas algumas abordagens estudadas por autores, que representam pontos de suporte e referência para o processo de tomada de decisão sobre gestão do capital de giro pelos donos de empresas e gestores do negócio, visando ao alcance dos melhores resultados pelas empresas. Os três motivos para manutenção de certo nível de liquidez pelas empresas podem ser enumerados, a seguir: a) transação, representado pela necessidade da empresa manter dinheiro em caixa visando pagar compromissos normais da sua atividade operacional; b) precaução, representado pela necessidade da empresa manter caixa visando cumprir com os compromissos imprevistos que podem ocorrer nos negócios da empresa; c) especulação, representando recursos mantidos visando ganhos altamente atrativos para a empresa, de forma especulativa (GITMAN, 2008). Complementa-se, ainda, que “a existência de capital de giro amplo oferece aos credores de curto prazo alguma garantia de que serão pagos pela empresa” (GARRISON; NOREEN; BREWER, 2007, p. 643). Inclusive, Cassiolato, Britto e Vargas (2002) mencionam que a falta de crédito pode ser considerada um grande problema para o avanço das pequenas empresas.

O capital de giro pode ser determinado pela sazonalidade dos negócios, que irá estabelecer as variações nas necessidades de recursos ao longo do tempo; por fatores cíclicos da economia, como recessão; pelo comportamento do mercado; pela tecnologia, principalmente aplicada a custos e tempo de produção; e pelas políticas de negócios, centradas em alterações nas condições de venda, de crédito, de produção entre outros (FERREIRA et al, 2011) e, ainda para prover as diferenças de tempo nos fluxos de caixa dedicados ao estoque (BOISJOLY; CONINE; MCDONALD, 2020).

O volume do capital de giro para empresas são determinados pelo volume de vendas, o qual é lastreado por estoques, valores a receber e caixa (FERREIRA et al, 2011; BRIGHAM, 1999). Se o volume de vendas de uma empresa for elevado, os



gestores tenderão a manter volumes mais elevados de capital de giro. “Se uma empresa puder reduzir seus estoques, suas disponibilidades de caixa ou seus recebíveis, então seu investimento líquido em capital de giro diminuirá” (BRIGHAM; EHRHARDT, 2006, p. 839), ou seja, uma redução no capital de giro, reduzirá o capital operacional total. O financiamento do capital de giro é uma decisão que está pautada na política de gestão do capital de giro da empresa, que pode ser agressiva ou conservadora (ALTAF, 2020).

Para suprir insuficiências de capital de giro, algumas empresas realizam empréstimos com um custo elevado. No momento em que a empresa negocia prazos maiores para saldar as suas dívidas significa que ela conseguiu adiar as saídas de caixa e, com isso, tende a melhorar a situação de capital de giro. Mesmo que essa ajuda seja provisória, ela possibilitará condições para que a empresa espere por um quadro econômico melhor. Por outro lado, o custo do alongamento de prazo da dívida deve ser suportado pela rentabilidade da empresa (SANTOS, 2001).

Lemos e Soares (2012) afirmam que toda a sociedade, abrangendo governantes, clientes, fornecedores, empregados, auditores, consultores, gestores, acadêmicos, pesquisadores e estudantes têm interesse pela situação financeira das organizações, uma vez que a precária situação financeira de qualquer empresa pode conduzi-la à insolvência e morte.

2.2 O INTERACIONISMO

2.2.1 Origem do Interacionismo

De acordo com o que Burrell e Morgan (1979) propõem, a teoria social pode ser compreendida, de forma proveitosa, em termos de quatro paradigmas considerados chave, que são eles: funcionalista, interpretativo, humanista radical e estruturalista radical, os quatro com base em diferentes conjuntos de pressupostos meta-teóricos acerca da natureza da ciência social e, também, da natureza humana. Especificamente, o Interacionismo Simbólico está inserido no paradigma interpretativista (MORGAN, 1980, SCHWANDT, 1994), que entendem o mundo por meio das experiências vividas pelo ponto de vista dos seres que nele vivem.

A origem do Interacionismo Simbólico é a Escola de Chicago e a sua estrutura inicial foi estabelecida no ano de 1920. Ele prosperou nas décadas posteriores, com reflexões de determinados filósofos norte-americanos sobre a problemática do



conhecimento e a respeito do processo de interação entre indivíduo e sociedade. No final da década de 1930, foi consolidado o Interacionismo Simbólico (FINE, 1993).

O Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago tornou-se o primeiro departamento acadêmico de sociologia do processo de institucionalização da sociologia norte-americana, seguido posteriormente por Columbia, Kansas, Michigan e, décadas mais tarde, por Harvard, Princeton, Johns Hopkins, entre outras instituições (FARIS, 1967).

A influência do pragmatismo na sociologia desenvolvida no Departamento de Chicago deve-se aos ensinamentos e trabalhos desenvolvidos por John Dewey e George Herbert Mead, e em períodos posteriores pela atuação de Ellsworth Faris e de Herbert Blumer, que foram estudantes e seguidores de suas ideias. Destaca-se que todos eles tiveram um impacto determinante no desenvolvimento do interacionismo simbólico (SHILS, 1980).

George Mead foi provavelmente um dos primeiros pensadores mais influentes do Interacionismo Simbólico, tendo como abordagem teórica o “behaviorismo social”. Foi com o declínio do funcionalismo em meados da década de 1970, que o Interacionismo Simbólico passou a ocupar uma posição central nos debates teóricos, acadêmicos e metodológicos e também nas pesquisas no campo da área de Sociologia (FINE, 1993).

2.2.2 Interacionismo Simbólico

Hebert Blumer é um dos pensadores de Chicago e o criador do termo Interacionismo Simbólico. A proposta defendida por Blumer (1969) em termos de uma posição epistemológica para o interacionismo simbólico está no entendimento de que para compreender o mundo é necessário analisá-lo em termos das ações e interações de seus participantes. Blumer (1969) apresenta que a natureza do interacionismo simbólico está baseada na análise de três premissas, sendo a primeira delas a de que o ser humano orienta seus atos em função do significado que as coisas têm para ele. Como segunda premissa, ele considera que o significado das coisas emerge como resultado das interações sociais que cada ser humano estabelece com o seu próximo. “A terceira premissa é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho” (BLUMER, 1969, p. 2).



De acordo com a percepção de Mead, os seres humanos são dotados de consciência e por isso são distintos de outras criaturas existentes. Para ele, os símbolos significantes permitem aos atores realizarem o compartilhamento de significados, o que possibilita o estabelecimento de comunicação entre eles. A interação que acontece entre os indivíduos vai envolver um processo de interpretação complexo, pois procura refletir e interpretar as palavras e os gestos de outros indivíduos (MELTZER, 1959).

Com brilhante *insight*, Mead identificou o caráter básico da interação humana e social, da auto-interação, e da emergente natureza dos atos individuais e sociais (BLUMER, 1980). Mead define o *self* como a parte reflexiva do homem, pela qual este conhece de si mesmo (LIRA, 2012). O *self* precisa ser entendido de forma situada na interação com o mundo social. Não se pode compreender a pessoa e o mundo de forma isolada, porque o *self* está sendo continuamente desenvolvido por meio da interação com outros seres humanos. O *self* é o responsável pela comunicação entre homens, porque ele só existe através do reconhecimento do *self* de outra pessoa, ou seja, a construção de ideias sobre mim só pode existir a partir das ideias que os outros têm ao meu respeito, e isso explica a natureza do *self*, ser dinâmica, e não fixa (JEON, 2004).

O trabalho de Charles Cooley, denominado *Human Nature and Social Control*, enfatizou a importância da mediação do grupo social, com ênfase aos grupos primários, no processo de socialização dos indivíduos e do efeito dessa socialização na dinâmica da interação existente entre indivíduos e sociedade (COOLEY, 1964). A relação recíproca entre indivíduo e sociedade, que constitui um pressuposto central desenvolvido pela análise interacionista, foi amplamente explorada pelos trabalhos dos participantes do Departamento de Sociologia de Chicago (MARTINS, 2013).

Ao se distanciarem da concepção que abordava a sociedade como um somatório de indivíduos que se agregavam para enfrentar as limitações do meio físico, os integrantes do Departamento de Chicago enfatizaram que a sociedade é construída por meio do compartilhamento de um grande conjunto de significados culturais e sociais entre os seus participantes. Como pressuposto tem-se que as atividades humanas ocorrem em situações determinadas em tempo e espaço específicos e orientam a perspectiva interacionista (MARTINS, 2013).

William Thomas concebe que as diversas situações sociais apresentam aspecto objetivo na estruturação do comportamento, com uma dimensão de



instabilidade intrínseca, uma vez que o ponto de vista de cada ator constitui um elemento estratégico na construção da definição das situações sociais, conduzindo o indivíduo a avaliar continuamente as circunstâncias nas quais está inserido, e se posicionar num jogo de reavaliação e reajustamento com os demais participantes da situação (THOMAS, 1966).

Defende-se que o Interacionismo Simbólico pode ser tomado como uma alternativa viável para que se possa compreender a realidade de forma aprofundada. Destaca-se que um relevante elemento responsável pelo entendimento do comportamento do ser humano, bem como da compreensão das interações e dos processos existentes, é o significado (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

O Interacionismo Simbólico adota os símbolos, que são as representações que o indivíduo faz das relações sociais. Um dos pressupostos básicos é que os indivíduos agem com base nos significados representativos de suas interações sociais (SILVA, 2012). A reciprocidade é a palavra chave na definição de interação (JOHNSON, 1997). O comportamento é algo amplo, que diz respeito a tudo que o indivíduo faz. Já ação é mais específica, pois se refere às atitudes que o indivíduo tem diante das situações, onde há intencionalidade, tendo como referência o possível pensamento que as demais pessoas possuem a seu respeito. Assim, há uma tendência de o indivíduo agir a partir da ação realizada pelo outro (SILVA, 2012).

O tema central abordado no Interacionismo Simbólico são os processos de interação social, que estão diretamente relacionados à ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca. Por outro lado, o exame criterioso desses processos baseia-se no conceito específico de interação em que o caráter simbólico da ação social é privilegiado (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

Para alcançar uma compreensão plena do processo social, o investigador precisa entender os significados que são adotados pelos participantes em um contexto particular (JEON, 2004). A palavra, o gestor e também as formas de falar condensam, entre outras coisas, relações sociais permeadas por relações de poder que são forjadas no mundo sociocultural em que se encontram inseridos os sujeitos, os grupos e as organizações (SANT'ANA, 2004).

Na abordagem interacionista, tem-se que as organizações são influenciadas por fatores institucionais que orientam comportamento apropriado dos indivíduos que dela fazem parte (FORGUES et al, 2012), e possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam objetos que compõem o mundo em que estão inseridos e



como esse processo de interpretação conduz o comportamento individual em cada situação específica (CARVALHO, 2011). “Os indivíduos encontram-se inseridos em contextos nacionais, culturais e institucionais [...] e encontram-se também diante de recursos espaciais, materiais e simbólicos específicos que constituem condições reais de seu comportamento na vida social” (MARTINS, 2013, p. 233).

O Interacionismo Simbólico se fortaleceu em um caminho que permite abordar os fenômenos, aplicando uma dialética entre aspectos da estruturação social e a construção das individualidades, entre o geral e o particular, entre o cultural e o singular, entre sujeito e objeto, apreendendo as contradições da vida contemporânea no contexto de sociedades plurais. Ele é, potencialmente, uma das abordagens mais adequadas para analisar processos de socialização e ressocialização e também para o estudo de mobilização de mudanças de opiniões, comportamentos, expectativas e exigências sociais (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

3 O POTENCIAL DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO PARA COMPREENDER O SIGNIFICADO DA GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO

“O interacionismo simbólico apresenta um potencial para compreensão de diferentes aspectos da vida organizacional, complementando outras perspectivas teóricas normalmente utilizadas neste campo de estudos” (CARVALHO, 2011, p. 583). A organização é considerada como uma comunidade de trabalho e, também, é vista como um conjunto de processos-chave organizados, compostos, por sua vez, de subprocessos, atividades e tarefas, que permeiam desde o topo da pirâmide funcional até sua base (VASCONCELOS, 1993). Um desses processos é a gestão do capital de giro que consiste em administrar cada um dos ativos correntes e passivos correntes, para manter determinado nível de rentabilidade e liquidez da empresa (GITMAN, 2008).

Primeiramente, é importante destacar que o processo decisório depende de vários fatores e, principalmente, do contexto da sua operacionalização. Algumas reflexões são apresentadas na sequência, considerando o gestor ou o dono do negócio de pequeno porte como responsável pelo processo de tomada de decisões.

Numa abordagem racional, o gestor ou dono do negócio se orienta para tomar as suas decisões, respaldado nas fontes de informações que a literatura aponta como



eficazes para a gestão financeira do negócio, ou em pesquisas empíricas realizadas que apresentaram bons resultados para as empresas que fizeram uso daquelas estratégias de gestão do capital de giro, numa perspectiva Positivista.

Um destaque de grande relevância para o entendimento da gestão do capital de giro em pequenas empresas está na visão de Bryman (1992), em que a atuação e a interpretação do ser humano é baseada na forma com que ele define a situação que ele vive, ou seja, o que a situação representa para ele. Especificamente, quanto à gestão do capital de giro, a pesquisa de Wernke et al. (2017)

apontou aspecto relevante ligado às motivações que levam os gestores de pequenos empreendimentos a evitar a contratação de captações bancárias para giro, onde se apurou que as razões maiores estavam atreladas às altas taxas de juros (principalmente), à instabilidade econômica do Brasil e à incerteza sobre o futuro do negócio (WERNKE et al., 2017).

O investimento reduzido em capital de giro pode aumentar o risco da empresa, colocando em risco o relacionamento cliente-fornecedor. Ademais, a preferência por eficiência e lucratividade sugere a busca por uma política de gestão de capital de giro mais agressiva, enquanto a preferência por liquidez e aversão ao risco apontaria para a busca por uma política de gestão mais conservadora (HONG; JAIN; SHAO, 2024).

Trazendo a perspectiva de Bryman (1992) para o entendimento do processo de tomada de decisão quanto a gestão do capital de giro, pode-se inferir que os gestores de pequenas empresas tendem a tomar as suas decisões com base no momento em que eles vivem, no caso, na situação em que eles estão inseridos. Pode-se então entender que, de acordo com a situação momentânea da empresa e o que ela (empresa) representa em termos de significado, sejam fatores determinantes para as decisões dos gestores de pequenas empresas.

Outro ponto que merece destaque está na forma com que o indivíduo pensa que as outras pessoas irão interpretar as suas atuações (BRYMAN, 1992). Considerando a ideia de Bryman, a decisão quanto a gestão do capital de giro pode ser altamente influenciada pela forma com que os gestores das pequenas empresas pensam que as pessoas que o cercam irão julgar e interpretar as suas atuações, ou seja, a decisão será influenciada pelo *self*. De acordo com Haguette (1987), o *self* é formado por meio de definições feitas pelos outros que podem ser referências para que o ser humano veja a si mesmo. Especificamente, nas decisões no ambiente



empresarial como um todo, e não apenas no processo de tomada de decisão quanto ao capital de giro, decisões podem ser tomadas, considerando o julgamento que as outras pessoas irão ter sobre as atuações do gestor. O gestor, inserido em um ambiente social, toma como referência e parâmetro para as suas decisões as definições provenientes do meio.

Quando considerada a natureza do Interacionismo Simbólico, Blumer (1969) destaca três premissas dessa abordagem: (1) os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles, (2) o significado de tais coisas é derivado de, ou origina-se da interação social que alguém tem com um companheiro, (3) esses significados são manejados, e modificados através de um processo interpretativo usados pelas pessoas ao lidar com as coisas que elas encontram; que serão discutidas na sequência.

Na percepção de Blumer (1969), no Interacionismo Simbólico os significados das coisas para os seres humanos representam um elemento central, que não pode ser ignorado. À partir dessa ideia de Blumer (1969), quando se considera a gestão do capital de giro, é fundamental ter em mente a importância do mesmo para a sobrevivência da pequena empresa, ou seja, para a permanência dos negócios, capacidade de pagamento e solvência.

Numa reflexão mais profunda, poderia ser levado em conta o significado da empresa para o gestor. Com base, na representatividade simbólica que a empresa tem para o gestor, o processo decisório, não somente para a gestão do capital de giro, mas para quaisquer instâncias, teria um significado e interpretação que conduziria a diferentes atuações e decisões. Morgan (1996) elucida que a forma do comportamento do indivíduo é influenciado e determinado pela definição da situação e pela sua percepção da realidade.

Apenas para recordar, o entendimento de capital de giro insere-se no contexto das decisões financeiras de curto prazo. Além disso, toda a empresa precisa buscar um nível satisfatório de capital de giro de maneira a garantir a sustentação de sua atividade operacional (SILVA, 1997, ASSAF NETO; SILVA, 2002), pois situação financeira precária pode conduzir a empresa à insolvência e morte (LEMOS; SOARES, 2012).

Com base no exposto, observa-se que o capital de giro representa (ou seja, significa) a essência da gestão financeira de curto prazo e a forma pela qual ele é gerido, irá garantir a efetividade das atividades da empresa, a sua liquidez e



continuidade. Assaf Neto e Silva (2002, p. 13) mencionam que “a definição do montante de capital de giro é uma tarefa com sensíveis repercussões sobre o sucesso dos negócios [...]”

Na sequência, para ilustrar, são apresentadas situações hipotéticas que expressam o contexto em que a pequena empresa passou a fazer parte da vida do gestor, que na maioria dos casos é o proprietário do negócio. Em cada uma dessas situações hipotéticas, são apresentados os significados da empresa para o gestor. Em termos de significado, tem-se os mais diversos que a Pequena Empresa pode assumir nos contextos (Quadro 1).

Quadro 1 – Significado da Empresa para o Gestor

Situação Hipotética da Pequena Empresa	Significado da Empresa para o Gestor
1) Empresa criada por gerações passadas.	Se o gestor é membro da família: Valor sentimental, afetivo e de perpetuidade.
2) Empresa oriunda de herança de família.	Se o gestor é o proprietário da empresa: Responsabilidade pela sua manutenção e pela sua sobrevivência: Honra do nome da família.
3) Sociedade/Parceria com outro membro da família ou com amigos.	Não existe a propriedade exclusiva, existe o compromisso de prestar contas: Responsabilidade.
4) Empresa adquirida por esforço pessoal, pelo suor do rosto e por muito trabalho.	Se o gestor é o proprietário da empresa: Satisfação pessoal e apego.
5) A empresa nasceu, cresceu e se desenvolveu muito nos últimos períodos.	Se o gestor é o proprietário da empresa: Realização profissional e perspectiva de crescimento.
6) Empresa passou por um período de grande êxito e o gestor teve sorte nos negócios.	Oportunidades boas não acontecem todos os dias: Valorização da oportunidade.
7) Empresa sempre foi almejada pelo gestor, mas ao seu olhar nunca haveria possibilidade, e se ela existiu foi por conquista pessoal.	Se o gestor é o proprietário da empresa: Realização de um sonho.
8) Empresa foi constituída após demissão do gestor de emprego anterior.	Representa, no momento, fonte de renda da família e sustento do gestor.

Fonte: Elaborado pelos autores

Destaca-se que as situações hipotéticas (Quadro 1) são ilustrativas e visam fornecer fundamento para a expressão do significado da pequena empresa para o gestor, sem contudo esgotar todas as situações possíveis, não declaradas. Na visão de Thomas (1966), as diversas situações sociais apresentam aspecto objetivo na

estruturação do comportamento, uma vez que o ponto de vista de cada ator constitui um elemento estratégico na construção da definição das situações sociais.

De acordo com Blumer (1969), a natureza do interacionismo simbólico está baseada na análise de três premissas, sendo a primeira delas a de que o ser humano orienta seus atos em função do significado que as coisas têm para ele. À partir da primeira premissa, com base no Item 1 (Quadro 1), se o gestor é membro da família, tem-se que o significado da Empresa permeia **valor sentimental, afetivo e de perpetuidade**, pois a empresa foi fundada em gerações passadas, o que eleva ainda mais o compromisso e a responsabilidade do gestor com a continuidade do negócio, que ultrapassa gerações. O Item 2 remete à ideia de empresa proveniente de herança familiar e toma o significado de **honra do nome da família**, sendo o gestor o proprietário da empresa. E isso, aumenta a responsabilidade do gestor pela manutenção e pela sobrevivência do negócio. O Item 7 apresenta a situação hipotética de que a empresa sempre foi almejada pelo gestor, mas ao seu olhar nunca haveria possibilidade de existir e, se ela existiu, foi por conquista pessoal. Por isso, remete-se ao significado de **realização de um sonho**, no caso de o gestor ser o proprietário da empresa. Pode-se imaginar a grande frustração a incidência de interrupção dos negócios da empresa.

As metas típicas associadas às empresas familiares, incluindo seu foco na sobrevivência da empresa e na construção de reputação, são refletidas em suas políticas conservadoras de gestão de capital de giro (SAH et al., 2022)

Blumer (1969) destaca como segunda premissa do interacionismo simbólico, que o significado das coisas emergem como resultado das interações sociais que cada ser humano estabelece com o seu próximo. O posicionamento de Blumer explica o Item 3 (Quadro 1), que trata da situação hipotética da empresa como Sociedade/Parceria com outro membro da família ou com amigos, remetendo ao significado da Empresa para o gestor como “não existe a propriedade exclusiva, existe o compromisso de prestar contas: **Responsabilidade**”.

Carvalho (2011) menciona que o interacionismo simbólico possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam objetos do mundo em que estão inseridos e como esse processo de interpretação conduz o comportamento em cada situação específica.

Ainda, analisando o Quadro 1, podem ser identificados vários significados da empresa para o gestor do negócio de pequeno porte, considerando o contexto



hipotético em que a empresa passou a fazer parte da sua vida, além dos itens 1, 2, 3 e 7 apresentados anteriormente, complementa-se: (Item 4) Empresa adquirida por esforço pessoal, pelo suor do rosto e por muito trabalho, que no caso de o gestor ser o proprietário, a empresa tem significado de **satisfação pessoal e apego**; (Item 5) A empresa nasceu, cresceu e se desenvolveu muito nos últimos períodos, que remete a ideia de **realização profissional e perspectiva de crescimento**; (Item 6) Empresa passou por um período de grande êxito e o gestor teve sorte nos negócios, que traduz em **valorização da oportunidade**; (Item 8) Empresa foi constituída após demissão do gestor de emprego anterior, significa **fonte de renda da família e sustento do gestor**.

A terceira premissa do interacionismo simbólico é que “os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho” (BLUMER, 1969, p. 2), o que explica os itens 4, 5, 6 e 8. Um importante elemento responsável pelo entendimento do comportamento do ser humano, bem como da compreensão das interações e dos processos existentes, é o significado (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

Nas oito situações apresentadas, a ideia de continuidade faz parte do sentimento intrínseco do gestor que preza, espera e anseia pela vida longa da sua pequena empresa. Sah et al. (2022) mencionam que vários estudos mostram que as empresas familiares evitam políticas financeiras arriscadas e valorizam objetivos como sobrevivência e reputação mais do que lucros financeiros.

Vale ressaltar que o valor simbólico, ou seja, o significado que a empresa tem para o gestor, constitui a lógica para o processo de tomada de decisão. E, uma vez que o capital de giro representa um dos elementos que possibilitam e aumentam as chances da sustentação da atividade operacional da empresa, o seu valor e significado excedem em termos de importância. Carvalho e De Oliveira (2016, p. 84) apontam fatores que contribuem para o fechamento de micros e pequenas empresas: “deficiências na gestão empresarial, com enfoque na gestão do capital de giro.” Carvalho (2012) menciona que é vital que gerentes-proprietários das firmas aprimorem a gestão financeira de curto prazo, visando garantir longevidade às firmas. O estudo de Bohn (2018, p. 45) discutiu “a problemática em torno da extinção precoce das MPEs, considerando o setor em que atua, falta de capital de giro, nível de conhecimento gerenciais [...]”.



A gestão inadequada do capital de giro foi apontada como o principal motivo para o fechamento de empresas de micro e de pequeno porte no Brasil (SEBRAE, 2005).

Domingues et al. (2017) mencionam:

A correta administração do capital de giro é fundamental à boa saúde das empresas, principalmente às MPes, [...]. Uma administração inadequada do capital de giro pode resultar em graves problemas financeiros, podendo levar as MPes a uma situação de insolvência (DOMINGUES et al., 2017, p. 81).

Assim, o significado da gestão do capital de giro, de acordo com a literatura discorrida, pode ser compreendido como **a ação promotora da continuidade e longevidade dos negócios da pequena empresa.**

Quando se pretende abordar a gestão do capital de giro, do ponto de vista do Interacionismo Simbólico, supõe-se que os gestores de pequenas empresas tenderão a tomar as suas decisões de acordo com as crenças e valores que os orientam, que são compartilhadas no ambiente em que ele vive e que ele valoriza. Com base nisso e nas três premissas do Interacionismo Simbólico, de acordo com Blumer (1969), pode-se inferir que o significado mais próximo da gestão do capital de giro, considera os elementos (Quadro 1) que trazem consigo a ideia do significado da Empresa para o Gestor. Por fim, tem-se o **significado** da gestão do capital de giro, na perspectiva do Interacionismo Simbólico descrita, a seguir:

A gestão do capital de giro é o meio pelo qual: (1) é mantido o valor sentimental, afetivo e de perpetuidade da empresa; (2) é propiciada honra do nome da família; (3) é evidenciado o comprometimento de prestação de contas com responsabilidade; (4) é preservada a satisfação pessoal e o apego do gestor; (5) é mantida a realização profissional e perspectiva de crescimento da empresa; (6) é celebrada a valorização da oportunidade; (7) é permitida a continuidade do sonho realizado; (8) é garantida a fonte de renda e sustento da família.

Discutindo a forma com que o Interacionismo Simbólico pode contribuir, tem-se que o estudo sobre a compreensão de como os gestores de empresas de pequeno porte interpretam o significado da gestão do capital de giro, permite trazer orientações, quanto à relevância do processo decisório, pois à partir da abordagem interacionista são elucidados comportamentos, percepções, valores e crenças dos gestores e o



entendimento do significado da gestão do capital de giro no seu aspecto mais intrínseco. Assim, tanto o significado da empresa, como o significado da gestão do capital de giro assumem um papel de relevância singular. A gestão do capital de giro é o meio e não um fim em si mesma.

As crenças e valores, interpretados à luz do Interacionismo Simbólico, possibilitam trazer novas luzes sobre o tema gestão de capital de giro, uma vez que as crenças dos gestores são construídas socialmente. Destaca-se a importância do valor atribuído e do significado dessas relações. Conforme Jeon (2004), o alcance de uma compreensão plena do processo social, demanda que o investigador entenda os significados que são adotados pelos participantes em um contexto particular.

A gestão do capital de giro, à luz do Interacionismo Simbólico, pode ser influenciada pelas questões culturais e aspectos cognitivos e pelas relações com o ambiente, uma vez que o gestor sofre as influências do meio em que está inserido. Considerando-se que na abordagem interacionista, as organizações são influenciadas por fatores institucionais que prescrevem comportamento apropriado dos que dela fazem parte, tem-se que essa influência pode ser percebida na gestão do capital de giro desenvolvida pelos seus membros; influenciados por tais fatores institucionais.

Com base no exposto, tem-se que os gestores de pequenas empresas se orientam para tomar as suas decisões sobre a gestão do capital de giro, respaldado pelo significado da Empresa e da gestão do capital de giro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente ensaio teórico foi refletir sobre o potencial do Interacionismo Simbólico, como abordagem epistemológica, para compreender o significado da gestão do capital de giro em empresas de pequeno porte.

O capital de giro tem sido usualmente estudado, com grande frequência, considerando a abordagem epistemológica Positivista. Como contribuição do presente ensaio teórico, pode-se destacar o fato dele propor uma abordagem alternativa para estudar o capital de giro e a sua gestão, ou seja, à luz do Interacionismo Simbólico.

A perspectiva interacionista simbólica possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam objetos (BLUMER, 1969) e como esse processo de



interpretação conduz o comportamento individual de cada gestor, em contextos específicos. Como exemplo, tem-se a identificação do significado da empresa para o gestor e/ou dono dos negócios de pequeno porte, que irá depender do contexto em que a empresa passou a fazer parte das suas vidas. Vale ressaltar que, de acordo com o valor simbólico ou significado que a empresa tem para o gestor, o processo de tomada de decisão acerca da gestão do capital de giro terá grande relevância, por constituir um dos elementos que possibilita um aumento das chances de sustentação da atividade operacional da empresa e a sua sobrevivência; essência do significado que ela (gestão do capital de giro) tem.

Para ilustrar o ensaio teórico foram apresentadas situações hipotéticas que expressam o contexto em que a pequena empresa passou a fazer parte da vida do gestor. Em cada uma dessas situações hipotéticas, foram apresentados os significados da empresa para o gestor e, em todas elas, a ideia de continuidade fez parte do sentimento intrínseco do gestor que preza, espera e anseia pela vida longa da sua pequena empresa. O significado da gestão do capital de giro pôde ser compreendido como a ação promotora da continuidade e longevidade dos negócios da pequena empresa. Assim, tanto o significado da empresa como o significado da gestão do capital de giro, assumem um papel de grande relevância. A gestão do capital de giro é o meio e não um fim em si mesma.

O comportamento dos gestores de pequenas empresas resulta das suas relações com o ambiente do qual fazem parte, das questões culturais e, também, de aspectos cognitivos. Vale destacar a importância do valor atribuído e do significado dessas relações para o indivíduo. Assim, a gestão do capital de giro, à luz do Interacionismo Simbólico, é impactada por questões culturais, por aspectos cognitivos, pelas relações com o ambiente e pelas crenças e valores, uma vez que o gestor sofre influência do meio em que está inserido. Tais crenças e valores podem ser entendidos, à luz da abordagem interacionista, que pode trazer novas luzes sobre esse assunto uma vez que as crenças dos gestores são construídas socialmente.

Como contribuição, o presente ensaio teórico procurou discutir as potencialidades do Interacionismo Simbólico, como abordagem alternativa, para a compreensão do significado da gestão do capital de giro, no ambiente organizacional de empresas de pequeno porte, sob outro enfoque. Considerando a amplitude proposta pelo Interacionismo Simbólico, como abordagem epistemológica, o presente ensaio teórico não esgotou todos os possíveis *insights* sobre o assunto. Ressalta-se



que existe um vasto campo a ser explorado em pesquisas sobre o tema no ambiente organizacional.

Como limitação do presente estudo, ressalta-se que a sua abordagem foi teórica, com breve discussão hipotética de significado da empresa e da gestão do capital de giro, no contexto de empresas de pequeno porte, onde na maioria das vezes o gestor é o dono do negócio. Para futuros estudos, sugere-se que seja realizada uma pesquisa empírica para levantar o significado da empresa e da gestão do capital de giro, para os gestores e donos de empresas de pequeno porte, à luz do Interacionismo Simbólico.

REFERÊNCIAS

ALTAF, N. (2020). Working Capital Financing, Firm Performance and Financial Flexibility: Evidence from Indian Hospitality Firms. **Global Business Review**, p. 1–12, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0972150920961371>.

ASSAF NETO, A.; LIMA, F. G. **Curso de Administração Financeira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BAÑOS-CABALLERO, S.; GARCÍA-TERUEL, P. J.; MARTÍNEZ-SOLANO, P. Working capital management , corporate performance , and financial constraints. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 3, p. 332–338, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ibusres.2013.01.016>

BARROS, L. E. V.; CAPPELLE, M. C. A.; GUERRA, P. Symbolic Interactionism and Career 'Outsider': A Theoretical Perspective for Career Study. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 25, n. 1, p. 26-48, 2019.

BLUMER, H. **El Interaccionismo Simbolico**: perspectiva y metodo. Barcelona: Hora, 1969.

BOHN, A. C.; GAMBIRAGE, C.; SILVA, J. C.; HEIN, N.; IARGAS, A. M. Fatores que Impactam no Encerramento Prematuro de Empresas de Pequeno Porte: Estudo no Litoral de Santa Catarina. **NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 43-56, 2018.

BOISJOLY, R. P., CONINE, T. E., MCDONALD, M. B. Working capital management: Financial and valuation impacts, **Journal of Business Research**, v. 108, 2020, p. 1-8, DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ibusres.2019.09.025>.

BREALEY, R. A.; MEYERS, S. C.; ALLEN, F. **Princípios de Finanças Corporativas**. Tradução: Maria do Carmo Figueira, 8 ed., São Paulo: Mac Graw Hill, 2008.



BRIGHAM, E. *Fundamentos da moderna administração financeira*. São Paulo: Campos, 1999.

BRIGHAM, Eugene F.; EHRHARDT, Michael C. *Administração Financeira: teoria e prática*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

BRYMAN, Alan. *Research methods and organization studies*. London: Routledge, 1992.

BURRELL, Gibson e MORGAN, Gareth. *Sociological paradigms and organisational analysis: elements of sociology of corporate life*. London: Heinemann, 1979.

CARLINI JUNIOR, R. J.; VITAL, T. W. A Utilização do Benchmarking na Elaboração do Planejamento Estratégico: uma Importante Ferramenta para a Maximização da Competitividade Organizacional. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, v. 6, n. 14, p. 60-66, 2004.

CARVALHO, C. J. *Um ensaio em gestão de capital de giro em micros e pequenas empresas*. Tese de Doutorado. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.

CARVALHO, V. D. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos organizacionais. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 12, n. 4, p. 583-607, 2011.

CARVALHO, V. D., BORGES, L. O.; RÊGO, D. P. Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010.

CARVALHO, João Francisco Sarno; DE OLIVEIRA, João Leandro Cássio. A relevância da gestão do capital de giro para a sobrevivência das Micro e Pequenas Empresas (MPes) no Brasil. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, v. 21, n. 1, p. 81-96, 2016.

CASSIOLATO, J.; BRITTO, J.; VARGAS M. Formatos organizacionais para financiamento de arranjos e sistemas de MPME In: *Interagir para competir: promoção de arranjos produtivos no Brasil*. Brasília. SEBRAE: FINEP: CNPq, p. 249-285, 2002.

COOLEY, C. H. *Human Nature and Social Order*. New York: Schocken Books, 1964.

DELOOF, M. Does working capital management affect profitability of Belgian firms? *Journal of Business Finance & Accounting*, v. 30, (3–4), p. 573–587, 2003.

DI AGUSTINI, C. A. *Capital de giro: análise das alternativas e fontes de financiamento*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

DOMINGUES, Olga Graciela Diaz et al. Gestão de capital de giro e formação do preço de venda praticado pelas micro e pequenas empresas. *Revista Ambiente Contábil*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 9, n. 1, p. 77-96, 2017.



FINE, G. The sad demise, mysterious disappearance and glorious triumph of symbolic interactionism. *Annual Review of Sociology*, v. 61, p. 61-87, 1993.

FARIS, ROBERT. *Chicago Sociology (1920-1932)*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

FERREIRA, C. C.; MACEDO, M. A. S.; SANT'ANNA, P. R., LONGO, O. C.; BARONE, F. M. Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil. *Revista de Administração Pública*, v. 45, n. 3, p. 863-884, 2011.

FERREIRA, C. C.; MACEDO, M. A. S. Desempenho Financeiro de curto prazo no setor brasileiro de Telecomunicações. *Pretexto*, v. 12, n. 4, p. 80-104, 2011.

FLEURIET, M.; KEHDY, R.; BLANC, G. *A dinâmica financeira das empresas, um novo método de análise, orçamento e planejamento financeiro*. 2. ed. Belo Horizonte: Fundação Dom Cabral e Consultoria Editorial Ltda., 1980.

FORGUES, B.; GREENWOOD, R.; MARTÍ, I.; MOLIN, P.; WALGENBACH, P. New Institutionalism: roots and buds. *Management*, v. 15, n. 5, p. 459-467, 2012.

GARRISON, Ray H.; NOREEN, Eric W.; BREWER, Peter C. *Contabilidade Gerencial*. 11. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

GITMAN, L. J. *Princípios de Administração Financeira*. 10. ed. São Paulo: Person Addison Wesley, 2008.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HONG, L., JAIN, B. A., SHAO, Y. Family firm governance and working capital management policy, *International Review of Financial Analysis*, v. 95, Part B, out. 2024.

Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1057521924004204>. Acesso em: 15 jul. 2024.

JEON, Y. The application of grounded theory and symbolic interactionism. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, v. 18, p. 249-256, 2004.

KIYMAZ, H.; HAQUE, S. CHOUDHURY, A. A. Working capital management and firm performance: A comparative analysis of developed and emerging economies, *Borsa Istanbul Review*, v. 24, Issue 3, 2024, p. 634-642, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bir.2024.03.004>.

LEMOES, L. F. B.; SOARES, R. O. Previsão de insolvência em micro e pequenas empresas utilizando indicadores contábeis. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 1, n. 3, p. 104-134, 2012.

LIMA, E. O.; ZOSCHKE, A. C. K. Relações dos dirigentes e gestão estratégica de pequenas e médias empresas. *RAI - Revista de Administração e Inovação*, v. 4, n. 2, p. 150-164, 2007.



LIRA, R. A. Trajetórias do Interacionismo: suas raízes e seus frutos. *Revista UNIABEU*. v. 5, n. 9, jan./abr, 2012.

MARTINS, C. B. C. O legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920-1930) na constituição do Interacionismo Simbólico. *Revista Sociedade e Estado*, v. 28, n. 2, mai./ago. 2013.

MELTZER, B. *The Social Psychology of George Herbert Mead*. Center for Sociological Research, Western Michigan University, january, 1959.

MENDONÇA, J. R. C. Interacionismo simbólico: uma sugestão metodológica para a pesquisa em administração. *REAd. Revista Eletrônica de Administração*, v. 8, n. 2, p. 1-23, 2002.

MIGUEL, L. A. P.; POPADIUK, S. A Semiótica do Compartilhamento de Conhecimento Tácito: Um Estudo sob a Perspectiva do Interacionismo Simbólico. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 17, n. 3, p. 460-473, 2019.

MORGAN, Gareth. Paradigms, metaphors, and puzzle solving in organization theory. *Administrative Science Quarterly*, v. 25, n. 4, p. 605-622, dec.1980.

NAKAMURA, W. T.; MARTIN, D. M. L.; FORTE, D.; CARVALHO FILHO, A. F.; COSTA, A. C. F.; AMARAL, A. C. Determinantes de estrutura de capital no mercado brasileiro: análise de regressão com painel de dados no período 1999-2003. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 18, n. 44, p. 72-85, 2007.

SAH, N. B., BANERJEE, A., MALM, J., RAHMAN, A. A good name is better than riches: Family firms and working capital management, *Journal of Behavioral and Experimental Finance*, v. 33, 2022, DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jbef.2021.100599>.

SANT'ANA, R. B. O processo de formação do sujeito e o self na Psicologia social de Mead. *Psicologia Política*, v. 4, n. 7, p. 17-44, 2004.

SANTOS, E. O. *Administração financeira de micro, pequenas e médias empresas*. São Paulo: Atlas, 2001.

SCHWANDT, Thomas A. Construtivist, interpretivist approaches to human inquiry. In: DENZIN, Normam K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.) *Handbook of qualitative research*. USA: Sage, 1994.

SEBRAE. *Fatores Condicionantes e Taxas de Sobrevivência e Mortalidade das Micro e Pequenas Empresas no Brasil 2003-2005*. Brasília, ago. 2007. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/\\$File/NT00037936.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/$File/NT00037936.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SHILLS, E. *The Calling of Sociology and Other Essays on the Pursuit of Learning*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.



SILVA, C. A. T. *Administração do capital de giro*. São Paulo: Atlas, 1997.

SILVA, Carmem Lúcia. Interacionismo Simbólico: história, pressupostos e relação professor e aluno; suas implicações. *Revista Educação por Escrito – PUCRS*, v. 3, n. 2, dez. 2012.

SPENDOLINI, M. J. *Benchmarking*. São Paulo: Makron Books, 1992.

THOMAS, W. *On Social Organization and Social Personality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1966. 369 p.

VASCONCELOS, I. F. F. G. IBM: o desafio da mudança. *Revista de Administração de Empresas*, v. 33, n. 3, p. 84-97, 1993.

WERNKE, R.; PLETSCHE, A. L. B.; JUNGES, I.; ZANIN, A. Características do financiamento do capital de giro de pequenas empresas do Sul de Santa Catarina. *REMIPE - Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 211–242, 2017. DOI: 10.21574/remipe.v3i2.21. Disponível em: <<http://remipe.fatecosasco.edu.br/index.php/remipe/article/view/21>>. Acesso em: 20 abr. 2023.